

As categorias de evidencialidade em Wa'ikhana (Tukano Oriental)

Bruna Cezario¹

Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Resumo: Este artigo traz uma análise do sistema de evidenciais da língua Wa'ikhana (Piratapuyo, Tukano Oriental). Evidencialidade pode ser definida como uma categoria gramatical que indica a fonte de informação de uma declaração (AIKHENVALD, 2004, p. 1). Línguas da família Tukano Oriental são conhecidas por terem sistemas de evidenciais complexos. A partir da análise feita, é possível verificar que os evidenciais da língua Wa'ikhana podem ser classificados em quatro categorias, com base em critérios semânticos e sintáticos e com destaque para as suas diferentes funções. A metodologia usada neste trabalho foi a de análise qualitativa de um *corpus* de dados primários. Os dados, em sua maioria, provêm do Acervo Linguístico-Cultural do Povo Wa'ikhana e foram analisados a partir de uma perspectiva funcional-tipológica (GIVÓN, 2001; CROFT, 2003; PAYNE, 2006). O principal objetivo deste artigo é descrever detalhadamente cada categoria de evidencial identificada, especificando seu valor pragmático-semântico e sua relação com outras categorias gramaticais na língua, como aspecto e modo.

Palavras-chave: Evidencialidade; Línguas Tukano Oriental; Wa'ikhana.

Title: The categories of evidentiality in Wa'ikhana (Eastern Tukanoan)

Abstract: This article analyzes the Wa'ikhana (Eastern Tukanoan) evidential system. Evidentiality is often defined as a grammatical category that indicates the source of information in a sentence (AIKHENVALD, 2004, p. 1). Eastern Tukanoan languages are known to have complex evidential systems. The analysis presented in this article classifies Wa'ikhana evidentials in four categories, based on semantic and syntactic criteria, and highlights different functions, using methods of qualitative primary data corpus analysis. Most of the data comes from Wa'ikhana Linguistic and Cultural Archive and was analyzed based on a functional-typology approach (GIVÓN, 2001; CROFT, 2003; PAYNE, 2006). This paper's main goal is to describe in detail each evidential category identified, specifying its pragmatic-semantic value and connections with other grammatical categories in the language, such as aspect and mood.

Keywords: Evidentiality; Eastern Tukanoan Languages; Wa'ikhana.

¹ Mestra em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutoranda do programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6371-1238>. E-mail: brunacezariosoares@gmail.com.

Introdução

Evidencialidade é uma categoria gramatical que indica a fonte de informação de uma declaração (AIKHENVALD, 2004, p. 1). Em aproximadamente um quarto das línguas do mundo (AIKHENVALD, 2004, p. xii), essa fonte de informação deve ser especificada por elementos gramaticais, conhecidos como *evidenciais*.² Línguas com sistemas de evidenciais são encontradas nas Américas e principalmente na Amazônia, nas famílias Arawá, Arawak, Carib, Chibcha, Nambiquara, Pano, Quechua, Tukano, Tupi-Guarani, Witoto, Zaparo, Makú, Yanonami e Zaparo, também em línguas isoladas como Andoke e Paez (STENZEL, 2008, p. 405). As línguas da família Tukano, especialmente da sub-família Tukano Oriental (TO), têm sistemas de evidenciais bastante complexos (STENZEL; GOMEZ-IMBERT, 2018, p. 357).

Em línguas como português, a evidencialidade não é gramaticalizada, portanto, há diferentes estratégias lexicais para expressar fonte de informação; por exemplo, por meio de verbos de percepção, como em “**vi** que Maria saiu” (MACHADO, 2017). Já nas línguas TO, a evidencialidade é obrigatoriamente indicada nos verbos finitos (no modo *realis*), normalmente por meio de um sufixo, como podemos ver nos exemplos na língua Wa'ikhana a seguir.

(1) *wulia ponuta ihidi, kaadu*³

wuú-díá *~púdo-ta* *ihí-di* *kaá-dú*
 voar-CLF:redondo tamanho-EMPH COP-VIS.PFV.2/3 gavião-AUM

‘(Eu vi que) Era do tamanho de um avião, o gavião grande.’ (STENZEL; CEZARIO, 2019, p. 412)

(2) *tikido namono do'atido ñioti*

tí-kú dó *~dabó-do* *do'á-tí-dó* *~díi-~yótí*
 ANPH-SG esposa-SG doença-VBZ-SG PROG-REP:PRÓX

‘A mulher dele está doente. (Ele, o marido, disse).’

Neste artigo, serão apresentadas a descrição e a análise do sistema de evidenciais da língua Wa'ikhana (também conhecida como Piratapuyo), da família Tukano Oriental (TO), seguindo uma perspectiva funcional-tipológica (GIVÓN, 2001; CROFT, 2003; PAYNE, 2006). Os evidenciais da língua Wa'ikhana foram classificados em quatro categorias: VISUAL, INFERENCIAL,

² Assim como em Aikhenvald (2004, 2018), este artigo defende que evidencialidade é uma categoria gramatical.

³ Os dados neste artigo são apresentados em quatro linhas, da seguinte forma: 1. forma ortográfica; 2. forma morfológica subjacente com segmentação e algumas informações fonológicas, como tom (´ indica tom alto, tom baixo não é indicado), nasalidade (~indica o valor +nasal do morfema) e *status* de clítico, indicado com = ao invés de hífen; 3. glosas correspondentes a cada morfema da linha 2, com a lista de abreviações, que se encontra no final do artigo; 4. tradução livre em português. Dados secundários apresentam as glosas dos autores.

PRESUMIDO e REPORTADO, seguindo as categorias de evidenciais apresentadas em Aikhenvald (2004, 2018).

O principal objetivo deste artigo é descrever detalhadamente cada categoria de evidencial identificada, especificando seu valor pragmático-semântico e sua relação com outras categorias gramaticais na língua, como pessoa, aspecto e modo. Este artigo também visa ser uma contribuição para os estudos comparativo-tipológicos sobre evidencialidade, bem como estudos sobre línguas indígenas amazônicas, principalmente línguas da família TO.

Outro objetivo é contribuir com a descrição da língua Wa'ikhana. Sabe-se que há aproximadamente 1800 indivíduos da etnia Wa'ikhana, divididos entre o território brasileiro e colombiano.⁴ O número de falantes é incerto, entretanto, considera-se que a língua está ameaçada, devido a mudanças sócio-históricas na região (STENZEL, 2005). Dois dos principais fatores que desfavorecem o uso da língua Wa'ikhana nas últimas três décadas são: (i) a intensa migração de famílias Wa'ikhana das suas aldeias originárias para lugares como a comunidade indígena de Iauaretê, outras comunidades ao longo do Uaupés e também as cidades de São Gabriel da Cachoeira e Santa Isabel (ambas fora da Terra Indígena Alto Rio Negro); e (ii) o crescente uso da língua Tukano como língua franca na região.

Evidencialidade

A categoria gramatical de evidencialidade é conhecida como aquela que indica a fonte de informação de uma declaração. Todas as línguas têm uma forma de expressar essa fonte de informação; no entanto, apenas algumas línguas têm evidencialidade como uma categoria obrigatória e gramaticalizada (AIKHENVHALD, 2004, p. 1). Línguas como o português, em que a evidencialidade não é uma categoria gramatical, utilizam-se de expressões lexicais para expressar a fonte de informação (MACHADO, 2017). Já nas línguas da família Tukano Oriental (TO), por exemplo, em que há evidencialidade gramaticalizada, essa categoria é geralmente marcada por morfemas que se afixam ao verbo finito (no modo *realis*), os evidenciais. As línguas dessa família têm sistemas de evidenciais complexos e figuram entre as línguas geralmente citadas nos estudos tipológicos de evidenciais (BARNES, 1984; PALMER, 1986; WILLETT, 1988; AIKHENVHALD, 2004, 2018; STENZEL, 2008; STENZEL; GOMEZ-IMBERT, 2018; VLCEK, 2016, entre outros).

Na literatura sobre evidencialidade, muitos autores discutem a relação dessa categoria com a categoria de modalidade epistêmica. Alguns autores, como Givón (1982) e Palmer (2001), consideram que a evidencialidade está intimamente relacionada a valor de verdade e certeza do falante, podendo assim ser considerada uma subcategoria de modalidade epistêmica. Já para outros, como Faller (2002), Aikhenvald (2003, 2004) e Michael (2008), evidencialidade é uma categoria gramatical separada de modalidade epistêmica, uma vez que a semântica básica dos evidenciais indicaria “fonte de informação”. Defendemos que

⁴ Fonte: Povos Indígenas do Brasil. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/povo/pira-tapuya>. Acesso em: 10 set. 2018.

evidencialidade e modalidade epistêmica são categorias distintas, apesar de reconhecermos uma conexão entre o uso de certos evidenciais e o comprometimento com a verdade.

Os sistemas de evidenciais das famílias TO podem variar de três até seis categorias semânticas. Stenzel e Gomez-Imbert (2018, p. 364-70) apresentam as diversas categorias de evidenciais que já foram analisadas em línguas TO, baseando-se em estudos tipológicos não apenas em línguas dessa família, mas também em estudos sobre evidencialidade em línguas ao redor do mundo (WILLETT, 1988; AIKHENVALD, 2003; 2004; GIVÓN, 1982). As categorias de evidenciais encontradas na literatura sobre evidencialidade nas línguas TO são VISUAL, NÃO-VISUAL, INFERENCIAL, PRESUMIDO, REPORTADO e CITADO. Na língua Wa'ikhana foram identificadas quatro categorias: VISUAL, INFERENCIAL, PRESUMIDO e REPORTADO, as quais serão apresentadas neste artigo.

Os evidenciais em Wa'ikhana foram pela primeira vez classificados por Waltz (2012, p. 132), em seu dicionário da língua Wa'ikhana (Piratapuyo), no qual há um *sketch-grammar* resumindo alguns dos principais aspectos estruturais da língua. Os morfemas evidenciais são analisados, nessa obra, como distintivos de tempo, sujeito (pessoa) e ponto de vista do falante (WALTZ, 2012, p. 132).

Assim como nas análises de Kotiria (STENZEL, 2008; 2013, p. 272-273), Stenzel e Gomez-Imbert (2018) argumentam que os evidenciais distinguem tipo de fonte de informação e, dependendo da categoria, podem distinguir aspecto e pessoa, mas não tempo. Na análise apresentada neste artigo, também foram encontrados quatro tipos de evidenciais; no entanto, a categoria denominada por Waltz (2012) como NÃO-VISUAL é rotulada como PRESUMIDO (*assumed*) por Stenzel e Gomez-Imbert (2018) e, assim como VISUAL, essa categoria teria diferentes formas para marcar o aspecto perfectivo e imperfectivo.

Metodologia

A metodologia usada neste trabalho foi a de análise qualitativa de um *corpus* de dados primários. A maior parte dos dados provém do ACERVO LINGUÍSTICO-CULTURAL DO POVO WA'IKHANA.⁵ Alguns dados, porém, foram coletados em viagens de campo em 2018 para a cidade de São Gabriel da Cachoeira (AM).⁶ O acervo contém um arquivo digital com listas de palavras, materiais escritos e mais de 40 áudios e vídeos.

Foram utilizados, em geral, dados primários, elicitados e de fala provocada (narrativas orais). As narrativas fazem parte do acervo mencionado anteriormente e foram analisadas e glosadas durante as viagens de campo à cidade de São Gabriel da Cachoeira. Duas narrativas são sobre experiências pessoais, uma é uma narrativa tradicional e a outra, uma narrativa inventada.

⁵ Disponível em: <https://elar.soas.ac.uk/Collection/MPI944429>. Acesso em: 18 de out. de 2020. O projeto responsável pela criação desse acervo foi coordenado pela professora doutora Kristine Stenzel, de 2007 a 2011, e recebeu auxílio financeiro do programa *Endangered Languages Documentation Programme* (ELDP).

⁶ Estes dados ainda não constam em nenhum acervo público. As viagens foram financiadas pela *National Science Foundation*, Grant No. BCS-1664348, e pelo Museu do Índio (FUNAI/UNESCO). Projeto aprovado pela CONEP, número do parecer: 2.287.015.

As categorias de evidenciais que haviam sido primeiramente identificadas por Waltz (2012, p. 132) e posteriormente por Stenzel e Gomez-Imbert (2018, p. 377) foram reanalisadas e reclassificadas, com base em um número maior de dados e comparação tipológica com outras línguas Tukano Oriental. Buscamos sentenças com cada categoria de evidencial e verificamos os diferentes contextos gramaticais e discursivos nos quais cada evidencial se encontrava. Desse modo, conferimos a pessoa e as categorias tempo, aspecto e modo marcadas no verbo para analisar a relação dos evidenciais com essas categorias gramaticais (AIKHENVALD, 2004, p. 41-71).

Os evidenciais em Wa'ikhana

Waltz (2012, p. 132), em seu *sketch grammar* da língua Wa'ikhana, organizou os evidenciais em quatro categorias: VISUAL, NÃO-VISUAL, INDICIAL, INFORMADO. Mais recentemente, esses evidenciais foram reclassificados, em uma comparação com Kotiria, por Stenzel e Gomez-Imbert (2018, p. 377), como VISUAL, PRESUMIDO, INFERENCIAL e REPORTADO.

Neste artigo, reorganizamos algumas categorias de evidenciais, como a do PRESUMIDO, a qual um novo evidencial recém analisado foi inserido, e a do REPORTADO, cujos dois evidenciais foram reclassificados em REPORTADO DISTANTE e REPORTADO PRÓXIMO. Nesta seção, apresentamos a nova classificação dos evidenciais de Wa'ikhana, no quadro a seguir, e também descrevemos suas características pragmático-semânticas.

Quadro 1: Os evidenciais em Wa'ikhana

+ PRIMEIRA MÃO				- PRIMEIRA MÃO			
EXTERNO				INTERNO			
DIRETO		INDIRETO					
VISUAL		INFERENCIAL		PRESUMIDO		REPORTADO	
1P		2/3P		-di ihi-vis			
PFV	IPFV	PFV	IPFV				
-i/ʈ	-aha	-di	-de	-aya	-aga	-~yo'ti -~yoga*	-aye

Fonte: Cezario (2019, p. 75).

No quadro, há quatro categorias de evidenciais: VISUAL, INFERENCIAL, PRESUMIDO e REPORTADO. Esses evidenciais foram organizados a partir de seus traços semânticos em dois grandes grupos: a) evidenciais de **primeira mão**, que seriam os evidenciais VISUAL, INFERENCIAL e PRESUMIDO; e b) evidencial de **não primeira mão**: REPORTADO. Os evidenciais de primeira mão se subdividem em dois outros grupos: os de evidência **externa** e o de evidência **interna** – a categoria PRESUMIDO. Os evidenciais que indicam fonte de informação externa, por sua vez, dividem-se em evidência externa **direta** (categoria VISUAL) e evidência externa **indireta** (categoria INFERENCIAL). Os traços semânticos apresentados nessa tabela se referem aos casos mais prototípicos de cada categoria dos evidenciais. Veremos que há casos que extrapolam os limites dessa classificação. Os evidenciais PRESUMIDO e REPORTADO, como mostrado no quadro, se dividem em dois valores. O VISUAL é o único que também marca pessoa e aspecto e o INFERENCIAL é o único que consiste em uma construção sintática.

Os evidenciais nas línguas TO são afixados à palavra verbal. Assim como em outras línguas dessa família, os verbos em Wa'ikhana podem receber diferentes morfemas de modo, negação, pessoa, aspecto e modalidade da cláusula.⁷ Alguns desses morfemas formam paradigmas de distribuição complementar e outros podem combinar entre si. No quadro a seguir, temos o *template* da palavra verbal finita em Wa'ikhana, no qual podemos ver todos os possíveis *slots* que um verbo pode ter nessa língua. Os dois *slots* destacados em negrito são obrigatórios: o da raiz ou raízes⁸ e o da modalidade da cláusula.

Quadro 2: Template básico da palavra verbal finita em Wa'ikhana⁹

RAIZ(es)	(1)	(2)	(3)	(4)
	negação	aspecto modo	pessoa/gênero	modalidade da cláusula <ul style="list-style-type: none"> • evidenciais (modo <i>realis</i>) • interrogativos • imperativo • marcadores de <i>irrealis</i> • negação <i>irrealis</i>

Fonte: Cezario (2019, p. 76) – adaptado.

No *slot* da modalidade da cláusula, ocorrem morfemas que formam um único paradigma e são mutualmente exclusivos. Dentro desse paradigma, existem subcategorias de morfemas que indicam os diferentes **tipos de cláusulas** (STENZEL, 2008, p. 408). Sentenças

⁷ Seguindo outras análises de evidenciais em línguas Tukano Oriental (STENZEL, 2008; VLCEK, 2016; STENZEL; GOMEZ-IMBERT, 2018), os diferentes tipos de atos de fala são considerados como modalidade da cláusula. Nas línguas TO, há na palavra verbal um *slot* obrigatório no qual ocorrem morfemas que formam um único paradigma e são mutualmente exclusivos. Nesse paradigma, existem subcategorias de morfemas que indicam diferentes tipos de cláusula (STENZEL, 2008, p. 408). Os evidenciais ocorrem nas sentenças do modo *realis*.

⁸ É possível (e muito comum) que mais de uma raiz se combine, formando verbos serializados.

⁹ Baseado no quadro do *template* básico da palavra verbal finita nas línguas TO, apresentado por Stenzel e Gomez-Imbert (2018, p. 362).

declarativas do modo¹⁰ *realis*, por exemplo, são marcadas por algum evidencial; declarativas do modo *irrealis* recebem marcadores de *irrealis -taha*; sentenças imperativas recebem o morfema *-ya*; sentenças interrogativas são marcadas por pelo interrogativo perfectivo *-adi* ou pelo imperfectivo *-hadi*. Neste artigo, trataremos apenas das diferentes categorias evidenciais, que ocorrem nas sentenças de modo *realis*.

A categoria visual

O evidencial VISUAL indica que o evento ou estado declarado foi visto e/ou experienciado pelo falante, ou seja, que a fonte de informação da declaração é direta e de primeira mão (STENZEL; GOMEZ-IMBERT, 2018, p. 364). Em Wa'ikhana, a categoria de evidência VISUAL é a única que também marca pessoa e aspecto. Como podemos observar no quadro 1, há uma forma no perfectivo para primeira pessoa *-i/ɥ* ([ɨ]) representado nos dados como <ɥ>) e outra no imperfectivo *-aha*. Para segunda e terceira pessoa, temos *-di* no perfectivo e *-de* no imperfectivo. Wa'ikhana é uma das duas únicas línguas da família Tukano Oriental — assim como Kotiria — cujo paradigma de evidenciais VISUAIS marca primeira pessoa/não primeira pessoa, diferente das outras línguas dessa família, cujos paradigmas de evidenciais marcam terceira pessoa/não terceira pessoa (STENZEL, 2008, p. 409).

Em (3), temos um exemplo de um evidencial VISUAL perfectivo de primeira pessoa *-ɥ*, usado em uma narrativa pessoal. O narrador, ao dizer que estava com sua mulher, utiliza um evidencial VISUAL para indicar que a fonte de informação foi visual/direta, pois ele experienciou esse estado. No exemplo (4), há o uso do marcador da terceira pessoa *-di* em um enunciado retirado de outra narrativa pessoal, na qual se fala de um gavião enorme sobrevoando o local onde o falante se encontrava. A fonte de informação claramente é visual, porque o falante viu o gavião. O exemplo (5) foi retirado de uma narrativa tradicional sobre curupira. Na história, um personagem havia mandado o velho pai ir até um igarapé, mas o pai acaba desaparecendo e, por isso, outras pessoas da comunidade chamam atenção dele. As pessoas falam que o filho deveria sair para procurar o pai desaparecido, porque foi ele quem mandou o velho até o igarapé. Percebe-se que a mesma forma *-di* usada em (4) para terceira pessoa é usada em (5) para segunda, o que demonstra o paradigma primeira pessoa / não primeira pessoa.

(3) *yɥ'ɥ namonome'na ihii*

yɥ'ɥ ~dabó-do=~be'da ihí-ɥ

1SG esposa-SG=COM/INS COP-VIS.PFV.1

'Estava com minha mulher.'

¹⁰ Givón (2001) propõe que a modalidade pode ser expressa através dos modos *realis* e *irrealis*, os quais são definidos respectivamente como "(...) uma ação cuja ocorrência é asseverada como correspondendo a um evento real [e] uma ação que não ocorreu ou que é apresentada como tendo ocorrido num mundo contingente, ou ainda é um evento hipotético" (FURTADO DA CUNHA; OLIVEIRA; MARTELOTTA, 2015, p. 29).

(4) *wɬia ponuta ihidi, kaadu*

wɬú-díá ~púdo-ta ihí-di kaá-dú

voar-CLF:redondo tamanho-EMPH COP-VIS.PFV.2/3 gavião-AUM

'Era do tamanho de um avião, o gavião grande.' (STENZEL e CEZARIO, 2019, p. 412)

(5) *"mɬ'ɬ bukúdole o'alitha" niaye. "makai wa'aya"*

~bɬ'ɬ bukú-do-de o'á-di-ta ~dií-aye

2SG velho/a-SG-OBJ mandar-VIS.PFV.2/3-EMPH dizer-REP:DIST

~baká-gɬ wa'á-yá

procurar-1/2SGM ir-IMP

"'Você mandou o velho [ir até o igarapé]" disseram. "Vá procurar [o velho]!" "

O aspecto indicado pelos evidenciais VISUAIS não está relacionado ao aspecto do evento declarado; é um traço gramatical do próprio evidencial. O aspecto dos evidenciais VISUAIS em Wa'ikhana indica que o acesso à fonte de informação está ou não disponível para o falante no momento do enunciado. O aspecto perfectivo indica que a fonte visual não está mais disponível, ou seja, o falante viu ou experienciou o que está declarando, porém não tem mais acesso visual a esse evento/estado. O aspecto imperfectivo indica que o acesso visual ainda está disponível.

Em algumas análises (BARNES, 1984; WALTZ, 2012), esse traço é descrito como "tempo" (destacando que é o tempo de quando o falante obteve a fonte de informação e não o tempo da cláusula), mas decidimos seguir análises mais recentes de evidenciais em línguas Tukano Oriental, como Kotiria (STENZEL, 2008; 2013), Barasana (GOMEZ-IMBERT, 2009) e Tuyuka (VLCEK, 2016), e descrevê-lo como aspecto.

Nos exemplos a seguir, que foram elicitados, podemos observar com clareza essa distinção aspectual. O falante da frase em (6) convida o seu interlocutor para ir a sua casa, onde ele sabe que tem comida disponível. No entanto, como o falante não está em casa e, por isso, no momento de fala não tem acesso visual à comida que lá está, faz uso do evidencial VISUAL *perfectivo -di*. Em (7), o falante utiliza a forma *imperfectiva -de* para indicar que viu que o cachorro morreu e o animal ainda está morto na sua frente, ou seja, ele ainda tem acesso àquela evidência visual.

(6) *ehsaya wɬ'ɬpɬ yaye ihidi*

esa-ya wɬ'ɬ-pɬ iya-ye ihí-di

chegar(lá)-IMP casa-LOC comer-NMLZ COP-VIS.PFV.2/3

'Bora! Tem comida em lá casa.'

(7) *diedo yaliaware**die-do yalia-wa'a-de*

cachorro-SG morrer-ir-VIS.IPFV.2/3

'O cachorro morreu.'

É muito comum que evidenciais VISUAIS *perfectivos* ocorram em sentenças sobre eventos do passado, uma vez que geralmente, ao falar sobre um evento já ocorrido, não se tem mais acesso visual a ele. Da mesma forma, evidenciais VISUAIS *imperfectivos* costumam aparecer em sentenças com eventos do presente, porque, ao falar de algo que está acontecendo, em geral, tem-se acesso visual/direto daquele evento. Podemos ver essa sobreposição de tempo referencial e aspecto nos exemplos a seguir. No exemplo (8), ao comentar sobre o que está acontecendo no momento – a frase foi dita quando o falante ia começar a contar uma narrativa pessoal para um grupo que se reunira para contar histórias –, utiliza-se um evidencial *imperfectivo*. Já na frase (9), quando se fala de algo que já aconteceu, há um evidencial *perfectivo*.

(8) *ihiato nii tʰ'oduhino'ole**ihí-ato ~dí-tʰ'o-duhi-~do'o-de*

COP-NMLZ.EVNT dizer-escutar-sentar-fazer.juntos-VIS.IPFV.2/3

'É verdade o que está dizendo/escutando juntos.'

(9) *yʰ'ʰ, Jacinto Cruz, mʰhsale yʰ'ʰ ya'udʰaga ni'kano saawa'ali, ti a'li khitigã**yʰ' jacint cru ~bʰsá- yʰ' ya'ú-dʰá-ágá*
*ʰ o z de ʰ*1SG - - 2PL-OBJ 1SG falar/contar-DES-
PRES:INTER*~di'ká-do saá-wá'á-dí tí a'dí kití-~ga*
acontecer- fazer/ser.assim-ir- ANP DEM.PRO história-
SG VIS.PFV.2/3 H X DIM

'Eu, Jacinto Cruz, eu vou contar para vocês o que aconteceu nessa pequena história.'

Isso explicaria por que, em algumas análises pioneiras de evidenciais de línguas Tukano Oriental, como a de Barnes (1984)¹¹, afirma-se que os evidenciais indicariam tempo, pois, por vezes, esses valores se sobrepõem. No entanto, exemplos como (6) e (7) demonstram que

¹¹ Outros pesquisadores, principalmente os do *Summer Institute of Linguistics*, como Waltz, basearam-se na terminologia de Barnes e descreveram os evidenciais de línguas TO marcando tempo.

essa característica dos evidenciais não está relacionada ao tempo absoluto¹² e sim ao acesso que o falante tem ou não à evidência visual.

A categoria inferencial

A categoria INFERENCIAL indica que a fonte de informação de uma declaração é uma conclusão a partir de uma constatação visual dos resultados de um evento. Ou seja, o falante não tem acesso visual *direto* (como participante ou testemunha presencial) ao evento, e sim aos seus resultados, que lhe permitem inferir o ocorrido. Em Wa'ikhana, o evidencial INFERENCIAL consiste em uma construção sintática formada por um verbo nominalizado por *-di* e uma cópula com um evidencial visual (*-di ihi-vis*). A frase em (8), por exemplo, ocorreu durante uma sessão de elicitación em que os consultores nos forneceram sentenças em diferentes tempos e aspectos. Usou-se um evidencial INFERENCIAL para um exemplo que significaria “Ela lavou roupa ontem”. Quando perguntamos qual seria a diferença entre (8a) e (8b), em que o verbo está com um evidencial VISUAL, o falante afirmou que ele falaria a frase em (8a) se tivesse visto a roupa estendida no varal (logo, inferido que a mulher lavou a roupa) e falaria a frase em (8b) se tivesse visto a mulher lavando a roupa diretamente.

(8a) *sikodo su'ti kohsedi ihidi ñamika*

<i>si-ko-do</i>	<i>su'ti</i>	<i>kose-di</i>	<i>ih-di</i>	<i>~yabika</i>
DEM.DIST-FEM-SG	roupa	lavar-NMLZ	COP-VIS.PFV.2/3	ontem

‘Ela lavou roupa ontem. (Eu vi as roupas no varal.)’

(8b) *sikodo su'ti kohsedi ñamika*

<i>si-ko-do</i>	<i>su'ti</i>	<i>kose-di</i>	<i>~yabika</i>
DEM.DIST-FEM-SG	roupa	lavar-VIS.PFV.2/3	ontem

‘Ela lavou roupa ontem. (Eu a vi lavando.)’

Cezario, Balykova e Stenzel (2018) analisam o evidencial INFERENCIAL da língua Wa'ikhana segundo os princípios da Gramática das Construções (GOLBERG, 1994; 2006; CROFT, 2003). O INFERENCIAL é o único evidencial em Wa'ikhana que consiste em uma **construção sintática** e não um morfema sufixal. Nessa construção, o verbo semanticamente pleno é nominalizado pelo sufixo nominalizador genérico *-di* e está ligado à cópula *ih*, que recebe um sufixo de evidencial VISUAL, como vemos em (8a).

Na análise dos evidenciais de Wa'ikhana apresentada por Stenzel e Gomez-Imbert (2018, p. 377), a forma do evidencial INFERENCIAL é representada como *-di ihi-*, ou seja, não há

¹² Tempo absoluto, de modo geral, pode ser definido como aquele que coloca o evento ou o tempo do evento ou antes, ou depois, ou ao mesmo tempo que o tempo do discurso (VELUPILLAI, 2012, p. 201).

uma especificação de qual evidencial pode aparecer afixado à cópula. Isso se deve porque, na construção análoga em Kotiria, sabe-se que, além do evidencial VISUAL, o evidencial PRESUMIDO pode ocupar essa posição. Como Kotiria e Wa'ikhana são línguas geneticamente muito próximas, há a hipótese de que o mesmo possa ocorrer em Wa'ikhana (STENZEL, 2018). No entanto, Cezario, Balykova e Stenzel (2018) apresentam a seguinte forma para a construção de inferência em Wa'ikhana [Verbo-*ri*_{NMLZ} [COP-*di*]]_{VP}, ou seja, consideram que o evidencial visual perfectivo de segunda/terceira pessoa -*di* já seja parte da construção, por ser a única forma encontrada nesta posição nos dados analisados.

De fato, o evidencial visual -*di* é o que mais ocorre na construção de evidencial INFERENCIAL. No entanto, em análises mais recentes, notamos outras formas de evidenciais visuais nessa posição, como podemos observar nos exemplos (9) e (10) a seguir. Desse modo, neste artigo, consideramos a seguinte forma para o evidencial INFERENCIAL: [Verbo-*ri*_{NMLZ} [COP-VIS]]_{VP}.

(9) *nikāta dihoboli ihi tidole*

<i>~uká-ta</i>	<i>dihó-bo-di</i>	<i>ihí-i</i>	<i>tí-do-de</i>
uma-CLF:tempo	derrubar-DUB-NMLZ	COP-VIS.PFV.1	ANPH-SG-OBJ

'Eu o derrubaria (o macaco) de uma vez.' (STENZEL; CEZARIO, 2019, p. 415)

(10) *yu'u pa'namino yekina kanakale yahkekali ihide* [GP unidade possessivos]

<i>yu'u</i>	<i>pa'dabi-do</i>	<i>yee-kuna</i>	<i>~kadaka-de</i>
1SG	neto-SG	POSS.PL-PL	galinha/galo-OBJ

yahke-ka'a-di *ihide*

roubar-DUR-NMLZ COP-VIS.IPFV.2/3

'Ontem à noite roubaram as galinhas do meu neto.'

O aspecto do evidencial VISUAL que faz parte da construção de evidencial INFERENCIAL tem a mesma função do aspecto dos evidenciais VISUAIS apresentados anteriormente, ou seja, indica o acesso visual que o falante tem à evidência. No entanto, no INFERENCIAL o acesso visual diz respeito aos resultados do evento e não ao evento em si, como nos casos dos evidenciais VISUAIS.

A categoria PRESUMIDO

Aikhenvald (2018, p. 12) postula que a categoria de evidencial PRESUMIDO (*assumption* ou *assumed*) indica que a fonte de informação de uma declaração não é observável e é baseada em uma conclusão lógica, em uma suposição, em uma experiência prévia ou em um conhecimento compartilhado. Em Wa'ikhana, há dois evidenciais presumidos: -*aga*, o

PRESUMIDO INTERNALIZADO, e *-aya*, o PRESUMIDO SUPOSTO.

O evidencial PRESUMIDO INTERNALIZADO *-aga* é usado em três contextos: (i) para indicar que a fonte de informação é uma experiência prévia do falante; (ii) para indicar que o que está sendo declarado é um conhecimento compartilhado (da comunidade em que o falante vive, por exemplo); e (iii) para indicar que a fonte de informação não é visual, mas foi adquirida através do sistema sensorial, como paladar, olfato etc., ou sensações como dor ou fome.

A seguir, temos um caso de evidencial PRESUMIDO INTERNALIZADO, que foi usado para indicar que o falante adquiriu aquela informação por meio de uma experiência prévia. O exemplo (11) foi retirado de uma narrativa pessoal em que o narrador está indo à casa do cunhado e chega à conclusão de que não há bebida lá. Essa informação é provavelmente baseada em uma experiência prévia, pois ele deve ir com recorrência à casa do cunhado e deve saber que normalmente não há bebida.

(11) *si'niye maniaedaaga*

<i>~si'dí-yé</i>	<i>~badiá-éda-aga</i>
beber-NMLZ.INDF	não.existir-NEG-PRES:INTER
'Não (deve ter) tem bebida (lá).'	

Nos casos (12) e (13) a seguir, o evidencial PRESUMIDO INTERNALIZADO *-aga* indica que a fonte de informação do falante é um conhecimento em comum de uma sociedade ou grupo de pessoas. Nos dois casos, o narrador interrompe uma história que está contando para falar com o público que estava assistindo, lembrando-os que o protagonista e o cenário são conhecidos pelas pessoas que estão no recinto. A narração da história, como veremos a seguir, é normalmente marcada por outro evidencial, o REPORTADO.

(12) *musa masiaga tikudode*

<i>~busá</i>	<i>~basí-ágá</i>	<i>tí-kúdo-dé</i>
2PL	saber-PRES:INTER	ANPH-SG-OBJ
'Vocês conhecem bem esse velho.'		

(13) *musa masiaga timale*

<i>~busá</i>	<i>~basí-ágá</i>	<i>tí-~báá-dé</i>
2PL	saber-PRES:INTER	ANPH-igarapé-OBJ
'Vocês conhecem aquele igarapé.'		

O evidencial PRESUMIDO INTERNALIZADO também ocorre em sentenças sobre conhecimento de mundo, por exemplo, sobre a natureza. O exemplo a seguir foi retirado de

materiais escritos feitos por alunos Wa'ikhana, um sobre peixes e o outro sobre fenômenos da natureza. Ao falar sobre a chuva no inverno e no verão, no exemplo (14), usa-se *-aga*, primeiro no verbo *peha* 'chover' depois no verbo *wa'a* 'ir', que tem ideia de 'acontecer' nesse contexto, relacionando-se com *pehama* 'chover-FRUS'. Ao utilizar o PRESUMIDO INTERNALIZADO para indicar conhecimento compartilhado, o falante opta por apresentar a informação declarada de uma perspectiva coletiva e não pessoal.

(14) *Ahkoro pehaga poekʰ kʰma ahpetale kenoalidehko wahkueno pehama wa'aga*

ako-do peha-aga poekʰ kʰma ape-ta-de

água-SG chover-PRES:INTER inverno verão ALT-
CLF:tempo
-OBJ

kenoa-di-deko wahkue-do peha-~ba wa'a-aga

ser.bom-NMLZ-dia de repente chover-FRUS ir-PRES:INTER

'A chuva chove no inverno, no verão, às vezes (talvez), o dia bom de repente chove (já caindo).'

Stenzel e Gomez-Imbert (2018, p. 369) afirmam que, em línguas Tukano Oriental, a semântica dos evidenciais PRESUMIDOS pode fazer interseção com outras categorias como o NÃO-VISUAL — categoria que indica que a fonte de informação é alguma sensação corpórea sem ser a visão (como olfato, tato etc.). As autoras também argumentam que PRESUMIDOS podem encobrir a semântica de um evidencial NÃO-VISUAL em línguas que não têm essa categoria específica. Isso ocorre em Wa'ikhana com o evidencial PRESUMIDO *-aga*.

Foram encontrados alguns casos do marcador PRESUMIDO INTERNALIZADO *-aga* para indicar dor física ou algo relacionado a sensações do corpo, como "ter a barriga vazia"/"sentir fome". O PRESUMIDO INTERNALIZADO *-aga*, em (15), ocorre com a construção de progressivo, que é formada pelo auxiliar *~dii* e um verbo nominalizado, que no caso é *do'to* 'sentir dor'. No exemplo (16), o sufixo *-aga* aparece com o verbo *~badie* 'não existir' com o morfema de negação *-eda*. Nos dois casos, a fonte de informação é o próprio corpo do falante.

(15) *yʰʰle dahpu do'toaro niaga*

yʰʰ-de dapu do'to-wa'a-do ~dii-aga

1SG-OBJ cabeça ter.dor-ir-SG PROG-PRES:INTER

'Sinto dor de cabeça. [Lit: A cabeça está doendo para mim.]'

(16) *yʰʰ pa'a nẽ pose-yee ~bali-eda-aga* [GP unidade possessivos]

yʰʰ pa'a nẽ pose-yee ~bali-eda-aga

(22) *wihsiado niboaya**wisí-á-dó**~díi-bo-aya*

errar.caminho-?-SG PROG-DUB-PRES:SUP

'Talvez ele esteja perdido. [Lit: Talvez ele esteja errando o caminho.]'

A categoria REPORTADO

Evidenciais REPORTADOS são aqueles que indicam que a informação de um evento declarado não é de primeira mão, foi adquirida por meio de outra pessoa (sendo esta uma pessoa específica ou não). Em Wa'ikhana, há dois tipos de evidenciais REPORTADOS, classificados COMO REPORTADO PRÓXIMO e REPORTADO DISTANTE.

O REPORTADO PRÓXIMO -*~yoti* indica que a informação declarada pelo falante foi adquirida através de outra pessoa. A classificação "próximo" ocorre, porque, embora quem tenha reportado a informação ao falante não seja alguém específico, de certa forma, essa pessoa ou pessoas ainda podem ser retomadas, ou seja, alguém existente na realidade no falante, ao contrário do REPORTADO DISTANTE -*aye*, que indica que a informação foi relatada por alguém não recuperável. O REPORTADO DISTANTE é utilizado majoritariamente em narrativas tradicionais, as quais, em geral, são contadas e conhecidas por todos, mas não é possível recuperar quem é "a fonte" original.

Os dados a seguir mostram eliciações com o evidencial REPORTADO PRÓXIMO. Em todos os casos, os consultores diziam que a informação havia sido adquirida por terceiros. Em alguns casos, era claro que foi uma pessoa específica, como em (23), que, de acordo com o consultor, a pessoa teria se machucado e "chegado contando o ocorrido". Também em (24), a informação viria de uma pessoa específica, porque quem teria informado que a mulher estava doente era o próprio marido citado na declaração.

(23) *Sikido bo'dakeawa'añoti**síkídó bodá-kea-wa'á-~yótí*

aquele cair-tornar.se-ir-REP:PRÓX

'Ele caiu (e chegou contando).'

(24) *tikido namono do'atido niõnti**tí-kúdó ~dabó-do do'á-tí-dó ~díi-~yoti*

ANPH-SG esposa-SG doença-VBZ-SG PROG-REP:PRÓX

'A mulher dele está doente. (Ele, o marido, disse.)'

Nos casos a seguir, no entanto, parece que a informação foi reportada ao falante por alguém não específico. Por exemplo, em (25), depois de dizer que choveu muito em lauaretê, utilizando o REPORTADO PRÓXIMO, o falante diz, em outra sentença, que “alguns” lhe disseram isso. Nesse caso, temos primeiro uma construção com o verbo *wa'a* ‘ir’ e o verbo *peha* ‘chover’ nominalizado, *pehadidua* ‘chovido’, traduzido apenas para ‘choveu’. O REPORTADO PRÓXIMO -*~yoti* se afixa ao verbo *wa'a*, pois ele é o verbo finito da construção. No entanto, na segunda sentença, na qual o falante afirma que alguém não específico (“alguns”) lhe deu essa informação, ele utiliza no verbo *diau* ‘contar’ o evidencial VISUAL -*di*, porque o ato de ‘contar’ foi visto/experenciado por ele.

(25) *lauaretêpɥre ohko pehadidua wa'añoti, sani ɥɥ'ure diauri*

lauaretê-pɥ-de akó pehá-di-dua wa'á-~yótí

lauaretê.cidade-LOC-OBJ água chover-NMLZ-AUM ir-REP:PRÓX

saá-~dí ɥɥ'ú-de ~dií-ɥa'u-di

então/assim-dizer 1SG-OBJ dizer-contar-VIS.PFV.2/3

‘Choveu muito na cidade de lauaretê, alguns me disseram assim.’

Vemos um caso parecido em (26); entretanto, quem informa o falante sobre certo ocorrido é a “televisão”. No exemplo, há duas frases finitas: a primeira, em que o falante diz que viu chuva na televisão de manhã (com um evidencial VISUAL), e a segunda, em que afirma que foi no Rio de Janeiro. O verbo da primeira cláusula, *~iyá* ‘ver’, leva um evidencial VISUAL -*ɥ*, indicando que a ação de “ver na televisão” foi vista/experenciada por ele. Na segunda cláusula, a cópula *ihí* tem o evidencial REPORTADO PRÓXIMO -*~yoti*, indicando que o que foi dito anteriormente ocorreu (lit: ‘foi’) no Rio de Janeiro. Desse modo, o evidencial reportado próximo indica que aquele ocorrido lhe foi reportado. Embora saibamos que o falante recebeu essa informação através da televisão, não há uma pessoa ‘reportadora’ específica, como nos casos (23) e (24).

(26) *ɥɥ'ú bo'lékiedo iñau akã televisãopɥ ohkõdo pehado ihinõti Rio de Janeiropɥre*

ɥɥ'ú bo'lékiedo ~iyá-ɥ ~aká televisão-pɥ

1SG de.manhã.cedo ver-VIS.PFV.1 um televisão-LOC

akó-dó pehá-do ihí-~yo'ti Rio.de.Janeiro-pɥ-de

água-SG chover-SG COP-REP:PRÓX rio.de.janeiro-LOC-OBJ

‘Eu vi chuva na televisão. Foi no Rio de Janeiro.’

Um dos evidenciais REPORTADOS apresentados no quadro de evidenciais anterior e também no quadro de evidenciais de Wa'ikhana e Kotiria apresentado por Stenzel e Gomez-

Imbert (2018, p. 377) é o *-~yo'ga*. De acordo com os nossos consultores, é uma forma utilizada pelos antigos que não é mais usada. A forma *-~yo'ti* seria usada hoje em dia no lugar de *-~yo'ga*. Waltz (2012, p. 132) classifica o morfema *-~yo'ga* como INFORMADO (REPORTADO) presente e *-~yoti* como INFORMADO passado, oferecendo a dupla de frases ilustrativas em (25)-(26).

(25)

ti-quiroyo *iji-ñogay* *quehnoa-no* *y#hd#o-ri-quiroyo*
 DEM-MASC.SG ser/estar-EVID bueno-ADV pasar-CAUS-NOM-MASC.SG
 'Se dicen que él es mejor.' (Tradução livre: Dizem que é melhor.)

(26)

ti-quiroyo *ahta-htiy* *iji-ñohtiy*
 DEM-MASC.SG venir-PROP ser/estar-EVID
 'Dijeron que él iba a venir.' (Tradução livre: Disseram que ele ia vir.)
 (WALTZ, 2012, p. 134)¹³

Em nossa análise, no entanto, a distinção presente/passado não condiz com a função que os evidenciais desempenham nas declarações. O evidencial REPORTADO PRÓXIMO *-~yoti*, por exemplo, foi encontrado em sentenças se referem tanto a eventos atuais, quanto a eventos já realizados, como podemos ver nos exemplos (23) e (24). Como Wa'ikhana não é uma língua com tempo marcado morfologicamente, é pelo contexto ou por advérbios que o tempo da sentença é marcado. Nas frases elicitadas, portanto, temos a tradução em português como referência.

A análise de Stenzel e Gomez-Imbert (2018) apresenta *-~yoga* como REPORTADO CITADO e *-~yo'ti* como REPORTADO DIFUSO, ou seja, o primeiro indicaria que a informação foi adquirida de alguém específico e o segundo, de alguém não específico. Vale ressaltar que a análise de Stenzel e Gomez-Imbert (2018, p. 377) dos evidenciais de Wa'ikhana é uma comparação com os evidenciais em Kotiria, que é uma língua muito próxima geneticamente e com muito mais análise e descrição. Em Kotiria, sabe-se que há essa diferença entre os dois evidenciais reportados *-yu'ka* e *-yu'ti*: um seria o citado, o outro o difuso (STENZEL, 2008, p. 411). Tirando o exemplo da gramática de Waltz (2012), não foi encontrado nenhum outro dado com *-~yo'ga*. Como os falantes afirmaram que sentenças com o evidencial *-~yo'ga* eram usadas pelos antigos, é possível que essa diferença entre um REPORTADO CITADO (informação adquirida de uma pessoa específica) e um REPORTADO DIFUSO (informação adquirida de alguém não específico) existisse na língua no passado e tenha se perdido com o tempo. Isso porque,

¹³ Foram mantidas as glosas do autor — EVID: evidencial; ADV: advérbio; NOM: nominalizador; PROP: propósito. Na obra de Waltz, <h> representa a glotal [ʔ], <j> representa [h] e <qui, que> representam [ki], [ke].

aparentemente, como visto acima nos dois contextos, *-yo'ti* é o único morfema utilizado.

O evidencial REPORTADO DISTANTE *-aye* indica que a informação declarada não apenas é de segunda mão, mas também provém de alguém que não é mais recuperável. Normalmente, esse morfema ocorre em narrativas tradicionais para marcar uma voz narrativa distante. Essas narrativas não têm autores originais, elas são recontadas oralmente. Stenzel e Gomez-Imbert (2018, p. 377) classificam esse evidencial como PRESUMIDO PERFECTIVO, pois de certa forma essas histórias tradicionais são um conhecimento compartilhado pelos falantes da língua. No entanto, percebemos que o REPORTADO *-aye* ocorre em narrativas tradicionais que são normalmente recontadas oralmente, ou seja, que foram “reportadas” de alguma forma ao falante, diferente dos PRESUMIDOS *-aya* e *-aga*, que ocorrem em contextos mais subjetivos, como apresentados anteriormente. A seguir, há dois exemplos retirados das narrativas *O pajé e o curupira* e *A história do sal*. Neles, a fala do narrador é marcada pelo morfema *-aye*.

(27) *tinanaha ni'kano me'na yohaawa'ayenaha*

<i>tí-~dá-~daha</i>	<i>~di'ká-do</i>	<i>~be'da</i>	<i>yohá-wá'á-áyé-~daha</i>
ANPH-PL-EMPH	acontecer-SG	COM/INS	subir.o.río-ir-REP:DIST-EMPH

‘Os dois foram embora subindo juntos.’

(28) *tido bahto pi'aaehsayenaha to namonok#onaha*

<i>tí-dó</i>	<i>bató</i>	<i>pi'á-esa-aye-~daha</i>	<i>to</i>	<i>~dabó-do-k#o-~daha</i>
ANPH-SG	atrás(?)	sair-chegar-REP:DIST-EMPH	3SG.POSS	mulher-SG-?-EMPH

‘Atrás dele, a mulher veio chegando.’

Os exemplos aqui apresentados, portanto, corroboram a classificação do evidencial *-aye* como um tipo de REPORTADO cujo contexto semântico se diferencia daqueles classificados como PRESUMIDOS. Também é possível observar que a distinção de tempo não se aplica a este morfema, bem como aos outros do sistema de evidenciais da língua Wa'ikhana.

Por mais que nesta pesquisa o uso do evidencial *-aye* tenha se mostrado como exclusivo de narrativas tradicionais, não podemos ainda afirmar que este é o único contexto em que eles ocorreriam, uma vez que análises em Wa'ikhana ainda são escassas. Futuramente, análises de novos dados de diferentes naturezas podem apresentar novas informações sobre a natureza desse e de outros evidenciais.

Considerações finais

Neste artigo, propusemo-nos a descrever e analisar os evidenciais da língua Wa'ikhana. Como vimos, os evidenciais são elementos gramaticais que indicam a fonte de informação que o falante teve em relação à informação declarada (MICHEAL, 2008, p. 135). Em nossa análise, discutimos e dialogamos com análises preliminares de evidenciais em

Wa'ikhana (WALTZ, 2012; STENZEL; GOMEZ-IMBERT, 2018). Além dos evidenciais que já haviam sido apontados nesses trabalhos, identificamos mais um sufixo evidencial *-aya*, classificado como PRESUMIDO SUPOSTO. A partir de trabalhos tipológicos sobre evidencialidade, como Givón (1982), Palmer (2001), Aikhenvald (2003, 2004, 2018) e Michael (2006), e análises de evidenciais em línguas da família Tukano Oriental, reanalisamos as construções de evidência em Wa'ikhana, propondo uma nova classificação.

Esperamos, com esta análise, ter contribuído para a descrição da língua Wa'ikhana, que é uma língua com grande risco de desaparecimento, bem como para os estudos tipológicos sobre línguas Tukano Oriental e línguas amazônicas em geral. Este artigo também se propôs a ser uma contribuição para a literatura sobre evidencialidade.

Nosso objetivo, neste trabalho, foi apresentar a forma e a função básica dos evidenciais em Wa'ikhana; portanto, não abordamos mais profundamente a relação entre os evidenciais e a marcação de modalidade epistêmica nessa língua. Sabemos que há uma forte conexão entre essas duas categorias, apesar da grande divergência na literatura sobre evidencialidade. Um dos nossos objetivos futuros é investigar mais detalhadamente os contextos epistêmicos em que cada evidencial ocorre.

Lista de glosas

ANPH	anafórico	NMLZ	nominalizador
AUM	aumentativo	PFV	perfectivo
CLF	classificador	PL	plural
CONTR	contrastivo	POSS	possessivo
COP	cópula	PRES	(evidencial) presumido
DIST	distal	PROG	progressivo
DUR	durativo	PROX	próximo
EMPH	ênfase	REP	(evidencial) reportado
FEM	feminino	SG	singular
FRUS	frustrativo	SGF	singular feminino
INDF	indefinido	VBZ	verbalizador
INS	instrumental	VIS	(evidencial) visual
IPFV	imperfectivo	NEG	negação
LOC	locativo		

Referências

- AIKHENVALD, A. Y. Evidentiality in typological perspective. In: AIKHENVALD, A. Y.; DIXON, R. M. W. (Org.). *Studies in Evidentiality*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2003. p. 1-31. <https://doi.org/10.1075/tsl.54.04aik>
- AIKHENVALD, A. Y. *Evidentiality*. Nova York: Oxford University Press, 2004.
- BARNES, J. Evidentials in the Tuyuca verb. *International Journal of American Linguistics*, Chicago, v. 50, n. 3, p. 255-71, 1984. <https://doi.org/10.1086/465835>
- CEZARIO, B. *A evidencialidade em Wa'ikhana (Tukano Oriental): uma proposta funcional-tipológica*. 2019. 142 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.
- CEZARIO, B.; BALKOVA, K.; STENZEL, K. "Parece que" é uma construção: a categoria de inferência em Wa'ikhana (Tukano Oriental). *Revista Linguística*, v. 14, n. 1, p. 207-231, 2018. <https://doi.org/10.31513/linguistica.2018.v14n1a15371>
- CROFT, W. *Typology and Universals*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511840579>
- FALLER, M. *Semantics and Pragmatics of Evidentials in Cuzco Quechua*. 2002. 304 f. Tese (Doutorado em Linguística) — Stanford University, Palo Alto, 2002.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. (Org.). *Linguística funcional teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2015.
- GIVÓN, T. Evidentiality and epistemic space. *Studies in Language*, v. 6, n. 1, p. 23-49, 1982. <https://doi.org/10.1075/sl.6.1.03giv>
- GIVÓN, T. *Syntax. An Introduction*, v. 1. Amsterdam: John Benjamins, 2001. <https://doi.org/10.1075/z.syn1>
- MACHADO, N. I. P. *A expressão da evidencialidade no pb: uma estratégia construcional com verbo ver*. 2017. 190 f. Tese (Doutorado em Linguística) — Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.
- MICHAEL, L. *Nanti Evidential Practice: Language, Knowledge, and Social Action in an Amazonian Society*. 2008. 487 f. Tese (Doutorado) — University of Texas at Austin, Austin, 2008.
- PALMER, F. R. *Mood and Modality*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- STENZEL, K. Multilingualism: Northwest Amazonia Revisited. In: ANNUAL CONGRESS CILLA / CONGRESO DE IDIOMAS INDÍGENAS DE LATINOAMÉRICA, 2., 2005, Austin. *Anais...* Austin: University of Texas, 2005. p. 1-28 Disponível em: <http://www.ailla.utexas.org/site/cilla2_toc_sp.html>. Acesso em: 28 dez. 2018.
- STENZEL, K. Evidentials and Clause Modality in Wanano. *Studies in Language*, v. 32, n. 2, p. 404-444, 2008. <https://doi.org/10.1075/sl.32.2.06ste>
- STENZEL, K. *A Reference Grammar of Kotiria (Wanano)*. Lincoln: University of Nebraska Press, 2013. <https://doi.org/10.2307/j.ctt1ddr99n>
- STENZEL, K.; CHAGAS, D. S. J. V. *Wa'ikhana Ya'ulikihti Mahsiñe Ohalituhu*. Rio de Janeiro: Museu do índio, 2018.

STENZEL, K.; GOMEZ-IMBERT, E. Evidentiality in Tukanoan languages. In: AIKHENVALD, A. Y. (Org.). *The Oxford Handbook of Evidentiality*. Oxford: Oxford University Press, 2018. p. 357-387. <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780198759515.013.18>

STENZEL, K.; CEZARIO, B. Wa'ikhana: WehsepꞤ buude wehẽgꞤ ehsamii emo sañodukugꞤ tꞤ'osuaꞤ Fui à roça caçar a cutia. Ouvindo o grito do macaco guariba no mato, fui atrás. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 384-417, 2019. <https://doi.org/10.31513/linguistica.2019.v15n1a25576>

VLCEK, N. *Documentação linguística do Tuyuka*. 2016. 225 f. Tese (Doutorado em Linguística) — Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

WALTZ, N. E. *Diccionario Bilingüe — Piratapuyo-Español Español-Piratapuyo*. Bogotá: Editorial Fundación para el Desarrollo de los Pueblos Marginados, 2012.

WILLETT, T. A cross-linguistic survey of the grammaticization of evidentiality. *Studies in language*, n. 12, p. 51-97, 1988. <https://doi.org/10.1075/sl.12.1.04wil>

Recebido em: 13/04/2020.

Aceito em: 12/10/2020.